
Os desafios de narrar a dor do outro: o jornalismo da BBC News Brasil a partir de testemunhos do rompimento da barragem em Brumadinho¹

Ticiane Alves²

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais

Resumo

Este artigo pretende analisar e discutir, a partir de estratégias discursivas e visuais, como o jornalismo do portal BBC News Brasil trabalhou narrativas de trauma e testemunho sobre o rompimento da barragem de rejeitos de minério em Brumadinho, ocorrido em janeiro de 2019. Conceitos de autores que abordam memória, trauma e testemunho, como Beatriz Sarlo (2007), Márcio Seligmann-Silva (2008) e João Camilo Penna (2006), orientam o trabalho. As análises feitas sobre duas reportagens mostraram que esse veículo de informação produziu narrativas de acordo com uma concepção de alteridade jornalística, ao ampliar as vozes dos sujeitos negligenciados, e colaborou para a manutenção da memória da tragédia. Contudo, a pesquisa mostra que as narrativas ainda apresentam alguns problemas para compor as identidades das vítimas.

Palavras-chave: jornalismo; narrativas; testemunho; políticas da memória; Brumadinho.

Introdução

Em 25 de janeiro de 2019 ocorreu o rompimento da barragem da Mina do Córrego do Feijão, da empresa Vale, na região de Brumadinho. Estima-se que essa tragédia foi responsável pela morte de 270 pessoas, sendo, até janeiro de 2020, 259 corpos identificados e mais 11 desaparecidos, entre eles moradores, trabalhadores e visitantes do local. O desastre em Brumadinho aconteceu quase quatro anos após o rompimento da barragem do Fundão em Mariana, que deixou 19 mortos, sendo, portanto, ainda maior em número de óbitos.

Esse é um fato transformado em acontecimento pelo jornalismo, que aparece nas notícias diárias, seja pelas investigações que continuam sendo feitas, ou mesmo pelo

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, no XX Encontro dos Grupos de Pesquisa, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – VIRTUAL – 1º a 10/12/2020.

² Ticiane Alves é graduada em Licenciatura em Letras e em bacharelado em Jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto. É Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: ticianeka@gmail.com.

aparecimento de mais corpos, como foi noticiado³ em vários portais jornalísticos no último dia 28 de agosto de 2020, mais de um ano e seis meses do rompimento. Contudo, podemos perceber a dificuldade com a qual o jornalismo diário trabalha, principalmente o jornalismo impresso, em termos de dar espaço para mostrar quem são essas vítimas ou os seus parentes, visto que esse é um acontecimento que, se não for bem trabalhado no jornalismo, pode apresentar a inconveniente ideia de massificação das pessoas que viveram aquela experiência, isto é, pode levar à perda das identidades desses sujeitos nas narrativas.

Podemos pensar no jornalismo como um meio pelo qual é possível criar narrativas do rompimento da barragem, colocando em evidência a experiência das pessoas que lá estiveram e que podem contar, como personagens que possuem identidades, o que viveram, considerando que essas serão narrativas frutos de seus traumas. Além disso, o jornalismo, ao construir narrativas que dão espaço para os sujeitos vítimas de tragédias, como a de Brumadinho, e que ampliam para o leitor a percepção da realidade, também se constitui como uma instância de preservação e de atualização da memória do fato ocorrido.

O objetivo deste trabalho é analisar e discutir, por meio de estratégias discursivas e visuais, como o jornalismo de grande compartilhamento trabalha as narrativas de trauma dos atingidos pela barragem da Vale em Brumadinho, levando em conta a perspectiva da alteridade jornalística⁴. A partir do que foi dito e considerando a fala de Beatriz Sarlo (2007): “A narração da experiência está unida ao corpo e a voz, uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração” (p. 24), e ainda a fala de Primo Levi sobre o programa testemunhal: “Nenhuma experiência humana é vazia de conteúdo, [...] todas merecem ser analisadas; [...] se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular [...]” (1988, p. 88 *apud* PENNA, João Camillo, 2006, p. 142), este trabalho se justifica pela importância de compreender como o jornalismo produz as narrativas de trauma em reportagens, e também como o relato jornalístico pode trabalhar para que haja políticas de memória em prol da sociedade que

³ Notícia disponível em <<https://www.itatiaia.com.br/noticia/segmento-osseo-e-encontrado-pelo-corpo-de-bombeiros-em-brumadinho>>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

⁴ Na perspectiva de Freitas (2017, p. 51), afinada ao que chamamos aqui de “alteridade jornalística”, podemos dizer que: “a alteridade, sob a lógica do jornalismo, não se apresenta apenas como fenômeno, mas como um processo que media temporal e espacialmente as relações intersubjetivas (dotadas de semelhanças e de diferenças), promovendo o conhecimento da diversidade e produzindo efeitos sociais a partir das escolhas resultantes das mediações jornalísticas”.

luta contra a impunidade de crimes como os da Vale em Brumadinho e em Mariana. Problematisa-se a relação jornalismo e alteridade, compreendendo tal tensionamento como crucial para o entendimento do acontecimento narrado, uma vez que a experiência dos sujeitos, transformada discursivamente, ajuda, por meio de um olhar sobre o testemunho, o trauma e a identidade, a mobilizar uma leitura do ocorrido.

Logo, neste texto será feita uma análise das estratégias discursivas das narrativas e das fotografias de duas reportagens do portal BBC News Brasil, para tentarmos entender como esse veículo estrutura suas narrativas do “outro”, partindo da hipótese de que as matérias escolhidas foram feitas sob uma abordagem jornalística humanizada. A escolha de reportagens da BBC News Brasil online, como objeto de análise deste trabalho, se deu por elas trazerem um número significativo de fontes que fazem parte do grupo de pessoas que viveram direta ou indiretamente a tragédia em Brumadinho. São matérias que parecem oferecer a possibilidade de ampliação, para os leitores, da compreensão da realidade do acontecimento e também por pertencerem a um portal de notícias com um grande número de assinantes nas redes sociais, o que indica bastante influência em termos de alcance na internet.

Trauma, testemunho e políticas da memória

Beatriz Sarlo (2007) afirma: “A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança” (p. 25). A autora explica que a narração é responsável por criar uma temporalidade própria. O tempo da lembrança é o presente, no entanto, o passado, segundo a autora, não é descartado. Ele subsiste dentro do presente. Está sendo construído à luz do tempo de agora. Sarlo (2007) explica que “O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente.” (p. 09). Nessa perspectiva, podemos compreender que as narrativas jornalísticas sobre as vítimas da barragem da Vale em Brumadinho são perpassadas por diferentes temporalidades, pois trazem ao presente, por meio do testemunho dos sujeitos, um fato ocorrido em um tempo passado, ressignificando-o. Essas narrativas também carregam em si a potência de lançar projeções sobre o ocorrido para o futuro.

De acordo com Sarlo, sobre as narrativas de relatos,

A modalidade não acadêmica (ainda que praticada por um historiador de formação acadêmica) escuta os sentidos comuns do presente, atende às crenças de seu público e orienta-se em função delas. Isso não a torna pura ou simplesmente falsa, mas ligada ao imaginário social contemporâneo, cujas pressões ela recebe e aceita mais como vantagem do que como limite (SARLO, 2007, P. 13).

A autora propõe que as narrativas de relato, produzidas de forma não acadêmica, como as narrativas midiáticas, se baseiam nas crenças de seu público, o que não faz necessariamente com que elas se tornem menos legítimas do que as narrativas construídas por historiadores, com metodologias científicas de produção. Essas narrativas de massa recorrem aos testemunhos e criam, segundo Sarlo, uma unidade sobre as descontinuidades, produzindo uma linha do tempo sobre os fatos. Ainda de acordo com essa autora, “As modalidades não acadêmicas de texto encaram a investida do passado de modo menos regulado pelo ofício e pelo método, em função de necessidades presentes, intelectuais, afetivas, morais ou políticas” (SARLO, 2007, P. 14).

Márcio Seligmann-Silva (2008) enuncia que “Narrar o trauma, portanto, tem em primeiro lugar este sentido primário de desejo de renascer” (p. 102). Podemos compreender, por meio desse pensamento, que dar um testemunho sobre um trauma sofrido é tentar se reconectar com o mundo, com o outro. De acordo com o autor, a memória do trauma se constitui como uma “busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e o outro construído pela sociedade.” (p. 103), o que indica para nós a relação da memória individual com a constituição da memória coletiva, por meio do testemunho, considerando que a memória é construída tanto pelas experiências do sujeito, quanto pelas referências dos grupos afetivos, conforme define Halbwachs (1968).

Seligmann-Silva (2008) dialoga com Sarlo (2007) ao afirmar que o testemunho se dá sempre no tempo presente e que o passado subsiste no presente. Segundo ele, “o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa. Ao citar o testemunho de Primo Levi, em “É isso um homem?”, Seligmann-Silva explica que esse sobrevivente de Auschwitz alega não ter certeza de que os fatos narrados em seu livro realmente aconteceram. “Esse teor de irrealidade é sabidamente característico quando se trata da percepção da memória do trauma. Mas para o sobrevivente esta “irrealidade” da

cena encriptada *desconstrói o próprio teor de realidade do restante do mundo*” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 105, grifos originais). É a dimensão intimidadora da realidade de eventos limites que afeta o sujeito ao ponto de ele mesmo não ter certeza de que todas as atrocidades foram possíveis.

Seligmann-Silva (2008) cita a psicanalista armênia Hélène Piralian, que estuda o genocídio na Armênia, para falar sobre a questão da representação, ou seja, da transformação do testemunho em narrativa. Para a psicanalista, trata-se da simbolização do ocorrido e implica a “(re) construção de um espaço simbólico de vida” (PIRALIAN, 2000, p. 21 *apud* SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 105). A psicanalista, nas palavras de Seligmann-Silva, faz também uma colocação importante sobre uma tridimensionalidade decorrente dessa simbolização. De acordo com o autor, a ideia da psicanalista é a de que “a linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 105). É a ideia de alcançar uma nova dimensão na simbolização do testemunho para sair da posição de sobrevivente e retornar à vida. O autor chama a atenção para o fato de que a simbolização nunca vai ser feita de modo completo. Segundo Seligmann-Silva (2008), “Para o sobrevivente sempre restará este estranhamento do mundo advindo do fato de ele temorado como que ‘do outro lado’ do campo simbólico” (p. 105).

Quanto à questão de o testemunho não conseguir se realizar de modo integral em relação à realidade do que ocorreu na tragédia ali representada, Seligmann-Silva chama a atenção para o fato de que a imaginação e a literatura são importantes aliadas para sanar as lacunas da memória; segundo ele,

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 106).

No entanto, temos de pensar também no dilema ético que se coloca sobre o limite da imaginação, conforme o próprio autor fala. A imaginação no testemunho pode colocar em dúvida a veracidade da narração, quando se trata de um discurso levado ao campo jurídico.

Seligmann-Silva (2008) afirma que “o testemunho é uma modalidade de memória” (p. 109) e o coloca como um importante artifício contra o negacionismo de crimes contra a humanidade. Aqui entra a questão da política da memória ou políticas da memória. Pensar o trauma é um dever de memória necessário. A sociedade precisa lembrar para que certas catástrofes não mais se repitam. O testemunho é um discurso performático, memorialístico, histórico e subjetivo, que interessa ao social como experiência que desencadeará o reconhecimento do outro. Esse pensamento dialoga com a fala de Sarlo (2007) quando ela diz que “O sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito. A memória e os relatos de memória seriam uma ‘cura’ da alienação e da coisificação” (p. 39).

Podemos entender o jornalismo como um exercício de memória e de produção de novos sentidos que perpassam diferentes temporalidades. O jornalismo possui um papel importante na dinâmica da constituição da memória coletiva dos indivíduos. Levando em consideração a fala de Ricoeur (1994) de que é preciso contar histórias de vidas humanas negligenciadas como uma necessidade de justiça, percebemos que é imprescindível questionar a maneira como o jornalismo estrutura as narrativas de vítimas de tragédias. Tendo como base essa discussão conceitual, a análise das reportagens da BBC News Brasil sobre o rompimento da barragem de rejeitos de minérios em Brumadinho (MG) permite questionar como são trabalhadas as narrativas de trauma dos atingidos por este acontecimento.

BBC News Brasil

A BBC News Brasil é uma subsidiária da British Broadcasting Corporation (corporação pública de rádio e televisão do Reino Unido, fundada em 1926, conhecida como BBC) que atua no Brasil e na América Latina, com agência de notícias física em São Paulo e com uma equipe de jornalistas brasileiros em Londres, além de correspondentes em Washington, em Brasília e no Rio de Janeiro. De acordo com uma notícia⁵ publicada em 2011, em seu portal, a BBC Brasil nasceu em 1938, com uma notícia sobre Hitler, transmitida por rádio em ondas curtas. Parte de uma equipe de meia dúzia de jornalistas era responsável por enviar notícias em português para a América

⁵Conteúdo disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/Brumadinho>>. Acesso em 25 de julho de 2019.

Latina. O restante da equipe produzia notícias em espanhol. De acordo com o site, “As origens da BBC Brasil foram o resultado de uma série de novas atitudes adotadas, no final da década de 30, pela tradicional empresa de comunicação britânica devido à iminência de uma nova guerra mundial” (BBC BRASIL, 2011, s/p).

A BBC Brasil começou a atuar na internet em 1999. Além de ter seu próprio site, seus conteúdos também aparecem em outros portais de notícias brasileiros, considerados como sites parceiros. Os conteúdos são desenvolvidos em multimídias, isto é, por meio de texto, fotografias, áudios e vídeos.

O interesse pela BBC News Brasil como objeto desta pesquisa se justifica pelo enorme alcance de suas postagens e também pelo fato de ser um portal de notícias atuante nas redes sociais, buscando maior contato com sua audiência. Mais que isso, a BBC pode ser percebida como um produto localizado fora do mainstream jornalístico que cobriu a tragédia (os veículos nacionais) e, ao mesmo tempo, que não assume uma postura editorial explícita (como outros veículos “alternativos” que cobriram o acontecimento). A BBC News Brasil possui dois milhões, seiscentos e oitenta e sete mil, setecentos e setenta e cinco seguidores em sua conta no *Twitter*⁶ e compartilha conteúdo com frequência ao longo do dia. Na sua página do *Facebook*⁷, possui três milhões, duzentos e noventa e quatro mil, cento e vinte e oito curtidas, e ela também posta conteúdos com frequência ao longo do dia. No *Instagram*⁸, a BBC News Brasil tem um milhão, novicentos e vinte mil, setecentos e cinquenta e quatro seguidores e compartilha conteúdo fotográfico com grande regularidade. Além disso, a escolha do objeto também se justifica pelas muitas publicações feitas por esse site de notícias relacionadas ao rompimento da barragem em Brumadinho durante todo o ano de 2019 e início de 2020.

Análise das reportagens

As duas reportagens escolhidas são “Tragédia de Brumadinho: familiares descrevem ‘alegria e sonhos interrompidos’ das vítimas”, produzida por Amanda Rossi, Camilla Costa, Fernanda Odilla, Ingrid Fagundez, Luiza Franco e Júlia Carneiro, e publicada em 08 de fevereiro de 2019; e o especial “Brumadinho: a tragédia que poderia

⁶ Disponível em: <<https://twitter.com/bbcbrasil>>: Acesso em: 06 de outubro de 2020.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/bbcnewsbrasil>>: Acesso em: 06 de outubro de 2020.

⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/bbcbrasil>>: Acesso em: 06 de outubro de 2020.

ter sido evitada”, escrita por Ricardo Senra e publicada em 28 de fevereiro de 2019. As duas matérias foram escolhidas como objetos de análise deste trabalho por conterem um número significativo de fontes ligadas ao evento do rompimento da barragem, bem como imagens que identificam os rostos de alguns dos atingidos. A reportagem especial apresenta também imagens que ilustram o resgate e a destruição causada pela lama, o que dá ao leitor uma dimensão maior da gravidade do fato. Ambas, por fim, possuem uma diferença temporal de 20 dias, o que ajuda a pensar um conjunto de sentidos mobilizados nesse intervalo temporal e que envolvem a repercussão do acontecimento e, conseqüentemente, as escolhas da produção de ambos os textos.

A primeira reportagem “Tragédia de Brumadinho: familiares descrevem ‘alegria e sonhos interrompidos’ das vítimas”, traz, logo abaixo do título, 18 rostos de pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pelo rompimento da barragem. Os rostos aparecem em um plano de 3x6 de imagens coloridas, a princípio, sem identificação. Logo abaixo das fotografias a reportagem traz, no abre, a seguinte mensagem:

Um inspetor que, mesmo aposentado, continuava trabalhando na barragem da mina do Córrego do Feijão, um funcionário que havia se demitido e foi até a Vale apenas para se despedir dos colegas, e muitos homens e mulheres que planejavam casamentos ou haviam acabado de ter filhos (ROSSI et al. 2019).

O “abre” traz informações de forma genérica sobre os atingidos, sem apresentar a identidade deles. Foram escolhidas imagens em que as vítimas estão com expressões faciais descontraídas. Esse parece ser um artifício para deixar o leitor curioso pelo que está por vir, pois, conforme veremos adiante, essas imagens serão contrastadas por meio de outra estratégia visual.

No primeiro parágrafo da reportagem, as informações que todos tínhamos até aquela data são trazidas de forma mais objetiva: “O rompimento da barragem em Brumadinho (MG), no dia 25 de janeiro, interrompeu dezenas destas histórias e deixou outras em suspenso. Até o momento, são 157 mortos, 182 pessoas desaparecidas e 103 desabrigadas. Já há 134 corpos identificados”(ROSSI et al., 2019). Podemos ver que a narrativa está sendo, nessa parte, construída de modo parecido com as típicas notícias do jornalismo diário. O texto corrido da reportagem se finaliza com uma fala de uma parente de uma das vítimas fatais da tragédia, Lorena Cota, noiva de Tiago Barbosa. Ela declara sobre seu trauma: "Não vou me conformar se pararem as buscas", e depois

afirma que não está se conformando com a situação de perder o noivo, que até aquele momento estava desaparecido. Percebemos que, apesar do uso de uma fonte relacionada ao evento, as autoras da reportagem optam por não utilizarem imagens que a identifiquem, nem a seu noivo, deixando esse ponto da reportagem em suspense.

Logo após o texto inicial, a reportagem traz um infográfico interativo com as fotografias em preto e branco, em tom memorialístico, de 33 vítimas, algumas identificadas até a data de 08 de fevereiro e outras não. Essas fotografias são as mesmas apresentadas coloridas no início da reportagem, o que cria uma narrativa entre a vida e a tragédia. O intertítulo do infográfico é: “As faces da tragédia de Brumadinho”. Nessa seção da reportagem, amigos e familiares dão depoimentos sobre o último contato com as vítimas, expõem um pouco de seus traumas e falam sobre as personalidades de seus entes. Um dos exemplos comoventes é de Juliana Fonseca, professora do auxiliar de serviços gerais Adail dos Santos Junior, de 21 anos, uma das vítimas. Ela conta que encontrou o rapaz no ponto de ônibus e conversou com ele na manhã do rompimento da barragem. A reportagem traz o testemunho dela em modalidade de discurso direto: “Ele me disse: 'Bom dia, tia Ju'. Ele entrou na caminhonete e nunca mais o vimos⁹” (FONSECA, 2019 *apud* ROSSI et al. 2019). Percebemos que esse testemunho é construído por meio de um discurso de ausência da vítima, isto é, com valorização do afeto da professora pelo ex-aluno. Contudo, esse é um testemunho sem rosto, pois, possivelmente por uma questão de espaço, não foram inseridas, nessa seção da reportagem, os rostos dos parentes e familiares que depõem.

Outro exemplo marcante de testemunho dramático é o de Andressa Oliveira, mãe de Bruno Rocha Rodrigues, de 26 anos, engenheiro de produção, que, até a publicação dessa reportagem, estava desaparecido¹⁰. As autoras da reportagem dão informações sobre o relacionamento profissional de Bruno com a empresa Vale e trazem o testemunho da mãe sobre a dor de não saber do paradeiro do filho: “Viver esse luto sem o corpo, isso mata a gente” (OLIVEIRA, Andressa, 2019 *apud* ROSSI et al. 2019). As autoras parafraseiam o depoimento da mãe: “Andressa diz que o mínimo que espera é que as buscas possam encontrar o seu filho, que permanece desaparecido”

⁹ Fala de uma das fontes disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47161460>>. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

¹⁰ O jornal Estado de Minas noticiou que o corpo de Bruno foi identificado quatro meses após o rompimento da barragem. Detalhes disso podem ser lidos em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/05/06/interna_gerais.1051473/mais-uma-vitima-de-brumadinho-e-identificada-e-mortos-vaio-a-236.shtml>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

(Rossi et Al. 2019). Nas falas diretas de Andressa: "É desesperador. E eu e centenas de famílias estamos vivenciando isso." (OLIVEIRA, 2019 *apud* ROSSI et al. 2019).

Outro ponto importante dessa reportagem é a utilização da fala de Zuma Pires, esposa do motorista Ângelo Gabriel da Silva Lemos, morto na tragédia. Ela diz que ele tinha medo de trabalhar perto da barragem, "Era uma tragédia anunciada" (PIRES, Zuma, 2019, *apud* ROSSI, 2019). Segundo afirma Charaudeau (2007), "Todo discurso depende, para a construção do seu interesse social, das condições específicas da situação de troca na qual ele surge" (p. 67). Isso pressupõe um contrato com o interlocutor, isto é, há uma necessidade de informações de referência como a finalidade do enunciado, o que ele quer dizer, a quem ele quer informar e as circunstâncias dessa informação. Logo, podemos perceber que existe uma intencionalidade por trás da BBC News Brasil de encaixar essa fala nesse contexto, que pode ser para chamar a atenção do leitor, de forma mais apelativa, para uma possível denúncia, diante da gravidade dos fatos ocorridos em Brumadinho.

Apesar de a reportagem ter essa proposta de trazer os amigos e familiares para falarem sobre as vítimas da barragem, ela não traz depoimentos sobre todos os atingidos mencionados, como é o caso do operador de máquinas André Luiz Santos, de 34 anos. Embora traga informações pessoais sobre ele, essa omissão produz uma sensação de ausência afetiva e de anulação da identidade de seus familiares.

A segunda reportagem, o especial "Brumadinho: a tragédia que poderia ter sido evitada", de Ricardo Senra, foi publicada pouco mais de um mês após o rompimento da barragem. Ela é construída com uma linguagem mais afetiva do que a primeira reportagem aqui analisada. Émile Benveniste (2006) afirma que o locutor estabelece uma relação com a língua baseada em sua escolha de caracteres linguísticos utilizados no processo de comunicação, conferindo ao ato de enunciação um aspecto individual. Entendemos aqui que existe uma dimensão textual nesse jornalismo que acompanha a dimensão afetiva do estado de dor das testemunhas.

Além das fontes testemunhais que sofreram com o ocorrido, o especial vai trazer outros intertítulos, com outras fontes, contando sobre os resgates dos corpos e sobre outros desdobramentos do caso, com um posicionamento alarmante em relação ao acontecido. No entanto, para esta análise, o que nos interessa mais são as narrativas das vítimas sobre seus traumas.

A primeira personagem do especial é o aposentado de 78 anos, Darcy Dias da Cunha, pai de Rosária Cunha¹¹ de 27 anos, vítima da tragédia. A reportagem conta que o homem chega ao cemitério, todos os dias, às 8h da manhã para esperar o corpo da filha. Ele relata: “Eu sei que vão ligar para prepararem as coisas no cemitério quando ela for identificada” (CUNHA, 2019 *apud* SENRA 2019). A esposa de Darcy, dona Helena, também é ouvida pelo repórter. Ele cita no texto que ela tem um comportamento desesperado diante do desaparecimento da filha: “Por favor, me apareça, Rosária. Por favor, volte para a sua mãe”(CUNHA, Helena, 2019 *apud* SENRA, 2019). A impressão que temos é que o jornalista escolhe as partes mais dramáticas dos depoimentos dos pais de Rosária que condizem com o contexto de angústia da tragédia.

A matéria identifica Darcy da Cunha por meio de fotografias no cemitério, juntamente com o cãozinho Violeiro, seu companheiro de espera. Rosária também é identificada em uma fotografia. Dona Helena e os filhos de Rosária, que também aparecem em desespero pela falta da mãe, não são identificados em imagens na reportagem.

O especial traz as narrativas de outras personagens como a da motorista Ana Paula Mota, sobrevivente da tragédia da Vale. Ricardo Senra dá voz a ela: “Eu estava de frente para a barragem. Acho que fui uma das primeiras pessoas a ver (a avalanche). Não dava para acreditar”, e em outro trecho da reportagem ela diz: “A gente achava que essa barragem estava seca. Olhando de cima, parecia um campo de futebol, firme, duro, não tinha esse lamaçal. Ninguém imaginava que estava assim por dentro” (MOTA, 2019 *apud* SENRA, 2019). O jornalista também cita o seguinte testemunho de Ana Paula:

"Quando caiu a ficha, peguei o rádio transmissor (do veículo) e comecei a gritar desesperada: 'corre, fuge, a barragem estourou'. Quem estava naquela faixa (de rádio) me escutou gritando. Depois, fiquei sabendo que teve gente que escapou porque ouviu uma mulher chorar e gritar no rádio. Era eu", diz ela (MOTA, 2019 *apud* SENRA, Ricardo, 2019).

A reportagem trata com sensibilidade o testemunho de Ana Paula, no entanto, por algum motivo, que pode ser por escolha da própria testemunha, não a identifica em

¹¹Rosária Cunha foi identificada após a publicação do especial da BBC News Brasil, conforme foi mostrado em uma lista pelo jornal Hoje em Dia em 19 de abril de 2019. < <https://www. hojeemdia.com.br/horizontes/cinco-nomes-s%C3%A3o-retirados-da-lista-de-desaparecidos-em-brumadinho-1.708700>>. Acesso em: 06 de outubro de 2020.

fotografias. Em meio ao seu relato, colocam imagens da destruição de vagões e do escritório da Vale. Esse testemunho cabe de forma interessante na reportagem, pois é o primeiro de uma sobrevivente que estava mais próxima da barragem de lama tóxica no momento em que ela se rompeu. João Camilo Penna (2006) explica que, de acordo com os pensamentos de Primo Levi, “a testemunha se propõe a falar no lugar do outro” (PENNA, 2006, P. 155). Esse autor elucida que Levi não quis dizer exatamente que é a testemunha que fala no lugar do outro, e sim que ela é a voz do outro: “Não sou eu quem fala no lugar dele, mas é ele quem fala no meu lugar, já que é apenas enquanto fala por aquele que não está aqui que o testemunho pode existir. Testemunhar consiste, ao mesmo tempo, em uma ‘obrigação moral para com os emudecidos’”, (PENNA, 2006, p. 156). Portanto, nessa perspectiva, o testemunho de Ana Paula só é possível porque ela fala por aqueles que não estão mais aqui e que passaram pelo mesmo que ela.

Outro testemunho que chama a atenção na matéria é o de Telmilia Durães da Rocha, de 63 anos, moradora da região atingida pela lama. Telmilia e seu marido tiveram sua casa quase totalmente destruída pelos rejeitos tóxicos da barragem, a casa que eles levaram 20 anos para construir. Em relato, ela diz: "A gente correu pro carro e viu a avalanche de lama vindo na nossa direção e destruindo tudo. Essa casa era a minha vida", (ROCHA, Telmilia Durães da, 2019 *apud* SENRA, Ricardo, 2019). Esse é um relato interessante para a reportagem, pois é o único que narra a perda de um bem imobiliário que era um sonho construído com muita luta ao longo de muito tempo. Contudo, Ricardo Senra deixa de identificar o nome do marido de Telmilia, que aparece ao lado dela em uma fotografia, o que descaracteriza a ideia de dar espaço a essa personagem no especial.

A utilização de fotografias nas reportagens pode nos remeter à noção de rosto do filósofo Lévinas. Sob a perspectiva desse autor, segundo explicam Marques e Souza (2018) podemos compreender que existe uma responsabilidade ética e afetiva do espectador diante do sofrimento dos familiares e dos atingidos pela barragem em Brumadinho, referenciada por meio dos rostos ali expostos em fotografias:

O rosto em Lévinas alude à responsabilidade dos homens perante o sofrimento de seus semelhantes. Ele é uma espécie de interpelação ética dirigida a nós: somos intimados a uma resposta, ao acolhimento de outrem, totalmente distinto de mim; somos chamados à responsabilidade, não somente sobre o que fazemos, mas

também diante do mal que lhe venham infligir (MARQUES; SOUZA, 2018, p. 100).

Essa dupla de autores vai falar sobre a potência política de imagem, citando Mondzain para falar sobre a ideia da construção de relações de mútua afetação e de troca entre os olhares de corpos. A potência política de uma imagem é “a capacidade da imagem de nos colocar em contato com, de deslocar para as fronteiras da alteridade, do sofrimento e da alegria alheia” (MARQUES; SOUZA, 2018, p. 103). As fotografias das reportagens, sob essa perspectiva, teriam, portanto, a capacidade de nos colocar nesse espaço limite de enxergar e permitir que nossas emoções interajam com aquele outro que não é necessariamente igual a nós.

Considerações Finais

Esta é uma análise que utiliza uma pequena amostra do jornalismo feito pela BBC News Brasil sobre a tragédia da barragem da Vale em Brumadinho com o intuito de entender como as vítimas desse acontecimento foram apresentadas ao público, bem como as narrativas dos testemunhos de seus entes queridos sob a perspectiva da alteridade jornalística. As duas reportagens analisadas demonstram o desejo de seus idealizadores de as estruturarem, em torno da necessidade de fala das testemunhas da tragédia, em um tom mais apelativo. Todavia, as duas narrativas ainda apresentam algumas dificuldades estruturais. A primeira, “Tragédia de Brumadinho: familiares descrevem ‘alegria e sonhos interrompidos’, apesar do esforço, ainda tropeça na objetividade jornalística e na falta de identificação correta de algumas personagens, o que não combina com o cuidado necessário que um evento como esse necessita. No entanto, na parte do infográfico, essa reportagem ainda consegue produzir afetações, devido a determinados testemunhos escolhidos para darem contornos ao texto e às imagens fotográficas escolhidas em preto e branco em contraste com as que aparecem coloridas no início da página.

O especial “Brumadinho: uma tragédia que poderia ter sido evitada” consegue trabalhar melhor o viés da alteridade ao lançar mão de um texto poético, sensível e afetuoso. Os testemunhos também são bem escolhidos, no que se refere à variedade de fontes. As fotografias aparentam espontaneidade e denotam o drama das vítimas, permitindo ao espectador perceber que suas angústias transcendem essas imagens. O

problema observado nessa reportagem está na falta de identificação correta de uma das testemunhas e na opção por não mostrar o rosto de outra, o que dá um teor de suspense ou mesmo de limites da narrativa.

As duas matérias se empenham para tratar os testemunhos sob a perspectiva da alteridade jornalística – principalmente a reportagem especial – de forma a mostrar que o rompimento da barragem em Brumadinho produz uma série de desdobramentos que inauguram uma temporalidade própria para todas as personagens que passam por esse trauma. Narrar os traumas é, como foi discutido ao longo deste artigo, uma forma de tentar se reconectar com o mundo, apesar de o mundo não ser nunca mais o mesmo. Essas narrativas correspondem a um importante objeto para a produção de políticas de memória, pois os jornalistas, ao publicarem essas reportagens, permitem que as testemunhas construam seus sentidos para o ocorrido e se afirmem como sujeitos, conforme explica Sarlo (2007). Além disso, as duas reportagens criaram locais nos quais as memórias dessa tragédia ficarão conservadas, para que essas histórias não sejam esquecidas.

Podemos compreender que a narrativa de testemunho coloca a experiência do sujeito em uma temporalidade própria da lembrança, que é o presente. O passado é, portanto, essencial para pensarmos nesse tempo presente. Podemos entender também que a narrativa do trauma tem um sentido de ligar novamente o sujeito com o mundo e que, nesse processo, existe um importante trabalho de memória que relaciona memória individual com a produção de uma memória social ou coletiva. Assim, o papel desse jornalismo de alteridade na manutenção da memória de acontecimentos, como o do rompimento da barragem em Brumadinho, se perfaz: ele inaugura diferentes temporalidades, ressignificando o passado à luz do presente e lançando perspectivas para o futuro, para que esse tipo de tragédia não mais aconteça. O testemunho é, portanto, essencial para pensarmos nas políticas da memória e para não permitirmos, por meio da mobilização social, que se repitam crimes como genocídios e rompimentos de barragens em áreas de ocupação humana. Logo, compreendemos o porquê da necessidade de contarmos as histórias dos vencidos.

Referências

BBC NEWS BRASIL. **BBC Brasil nasceu em 1938 com notícia sobre Hitler.** (Portal de notícias online) Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/institucional/090120_expediente_tc2.shtml>: Acesso em: 07 de julho de 2019.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 2º edição. Campinas, SP: Pontes, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

FREITAS, Camila. **Alteridade e jornalismo**: a outridade na editoria Mundo da Folha de S. Paulo. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. 125 f.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

MARQUES, Ângela C. S.; SOUZA, Frederico C. V.. À escuta do rosto nas imagens: aproximações entre Lévinas, Butler e Didi-Huberman. In: Nilo Ribeiro Júnior; Diogo Villas Bôas de Aguiar; Gregory Rial; Felipe Rodolfo de Carvalho (orgs.). (Org.). **Amor e Justiça em Lévinas**. 1ed.São Paulo: Perspectiva, 2018, v. 1, p. 99-114.

PENNA, João Camilo. Sobre viver no lugar de quem falamos (Giorgio Agamben e Primo Levi).In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **Palavra e imagem**: memória e escritura. Chapecó:Argos, 2006, p. 185-203.

ROSSI ET AL. **Tragédia de Brumadinho**: familiares descrevem 'alegria e sonhos interrompidos' das vítimas. (Portal de notícias online). Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47161460>>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. (Tomo I) Campinas, SP: Papyrus, 1994

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: escrituras híbridas das catástrofes, **Gragoatá**, n.24, 1º semestre 2008, Niterói: EdUFF, pp. 101-117.

SENRA, Ricardo. **Brumadinho: a tragédia que poderia ter sido evitada**. (Portal de notícias online). Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/Brumadinho>>. Acesso em 06 de outubro de 2020.